

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: FOCO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Heber Junio Pereira Brasão¹

Fabiane Maria Soares da Cunha²

Liliane Rodrigues de Oliveira Souto³

Douvânio de Oliveira Gomes⁴

ABSTRACT

This article addresses the theme of literacy and reading comprehension in the early years of elementary school, aiming to analyze how these processes contribute to the understanding of reading and writing in the contemporary context, especially in the first and second years of this stage of schooling. It is understood that literacy and reading comprehension, although distinct in their specificities, constitute interdependent processes, insofar as mastery of the writing system, involving the relationship between graphemes and phonemes, enables the reading of the written code, while reading comprehension expands the meanings of this reading by inserting it into the social practices that permeate the literate universe. In this sense, reading and writing are configured as systems that develop gradually, as children build skills and competencies throughout the literacy process. Methodologically, the study is based on bibliographic research, articulated with project-based pedagogy, as a strategy for organizing educational practices. The results show that literacy and reading comprehension promote the expansion of knowledge by articulating dimensions such as access to information, the development of critical thinking, and the playful nature of learning. Therefore, it is the school's responsibility to organize pedagogical times and spaces that enable students to overcome difficulties and reach more elaborate levels of understanding and analysis of different textual genres. To this end, it is essential that teachers use diverse methodologies, based on playfulness, creativity, and pedagogical innovation, in order to enhance the teaching and learning process in the initial stages of schooling.

KEYWORDS: Literacy; Reading comprehension; Elementary education; Reading; Writing; Pedagogical practices; Early years; Textual comprehension.

Introdução:

O presente trabalho orienta-se pelo aprofundamento teórico acerca dos processos de alfabetização e letramento, com vistas a ampliar a compreensão de suas contribuições para o

¹ Licenciado em Letras Português/ Inglês, Filosofia e Sociologia. Mestre em Educação e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia.

² Licenciada em Letras Português. Docente no Centro Universitário Mario Palmério (UNIFUCAMP).

³ Licenciada em Letras. Graduação em Psicologia, Pós-graduação em Inspeção, supervisão e orientação escolar. Pós-graduação em Educação especial e Pós-graduação em Psicologia Clínica.

⁴ Licenciado em Matemática. Pós-graduado em Orientação, Inspeção e Supervisão e Mestrado Profissional em Gestão e avaliação da educação pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

ensino e a aprendizagem no contexto contemporâneo dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tal investigação emerge da vivência nos estágios supervisionados realizados no ambiente escolar, os quais suscitaram inquietações e reflexões sobre as práticas pedagógicas voltadas à formação leitora e escritora dos alunos, motivando, assim, o desenvolvimento deste estudo.

A relevância da temática fundamenta-se no fato de que as dificuldades relacionadas à aquisição da leitura e da escrita persistem como um dos principais desafios educacionais, atravessando diferentes períodos históricos e mantendo-se presentes na atualidade. Nesse sentido, a alfabetização configura-se como etapa essencial no percurso escolar, pois corresponde ao momento em que o educando inicia a construção de sua autonomia intelectual, inserindo-se em determinado contexto sociocultural.

Convém destacar que a alfabetização se refere à apropriação do sistema de escrita, permitindo ao aluno ler e escrever, enquanto o letramento ultrapassa essa dimensão técnica, envolvendo o uso social da leitura e da escrita nas diversas práticas cotidianas. Assim, o sujeito letrado é aquele que não apenas domina o código escrito, mas também o utiliza de forma significativa, respondendo às demandas sociais de seu meio.

Diante dessa perspectiva, problematiza-se a possibilidade de que tais processos se desenvolvam de maneira articulada, significativa e efetiva na trajetória do aprendiz. A escrita, enquanto construção histórica e social, demanda sua transmissão entre gerações, sendo necessário que os alunos se apropriem desse sistema simbólico, não apenas para decodificá-lo, mas também para interpretá-lo e utilizá-lo de acordo com suas práticas discursivas.

Desse modo, compreende-se que a alfabetização constitui o ponto de partida para a inserção dos sujeitos no universo da leitura e da escrita, possibilitando a mediação entre aqueles que já dominam tais práticas e aqueles que se encontram em processo de formação. Nesse contexto, conforme destaca Val (2006):

[...] pode-se definir alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita. (VAL, 2006, p.19).

Desde períodos remotos, evidencia-se a necessidade de transmissão dos conhecimentos relacionados à leitura e à escrita às gerações subsequentes, desempenhando tais saberes papel fundamental na consolidação das sociedades e comunidades. Nesse contexto, a inserção plena do indivíduo em uma sociedade letrada pressupõe não apenas a capacidade de ler e escrever, mas também a compreensão dos signos que estruturam determinada realidade sociocultural.

Ao se considerar historicamente a constituição da escrita, observa-se que, em seus primórdios, o processo de alfabetização não era compreendido em sua complexidade, sendo tratado como um elemento secundário. A escrita, ainda concebida como uma inovação, assumia sobretudo a função de código comunicativo, capaz de estabelecer vínculos sociais. Dessa forma, o ensino restringia-se ao domínio de aspectos básicos, suficientes para garantir uma comunicação funcional, caracterizando-se por práticas predominantemente mecânicas e pouco reflexivas.

Nessa perspectiva, o universo letrado configura-se como um importante recurso para o enriquecimento do processo de aprendizagem, considerando-se que as crianças já chegam à escola portadoras de um repertório cultural construído no âmbito familiar, composto por práticas, valores e experiências que influenciam diretamente sua relação com a linguagem.

Nos contextos mais antigos, marcados pelo surgimento da escrita, inexistiam metodologias sistematizadas de alfabetização. O que se observava era um processo essencialmente mecânico, pautado na repetição e na cópia, no qual os indivíduos, conhecidos como escribas, eram treinados para reproduzir fielmente os registros escritos. A leitura, nesse cenário, destinava-se à memorização do funcionamento da língua, sem espaço para questionamentos ou desenvolvimento do pensamento crítico, limitando-se à formação de sujeitos funcionalmente aptos ao uso do código escrito vigente.

Conseqüentemente, a alfabetização realizava-se por meio da leitura de textos previamente elaborados, seguidos de sua reprodução literal, palavra por palavra, até alcançar obras consagradas da literatura da época, reiteradamente utilizadas. Apenas após sucessivas práticas de cópia e leitura é que os aprendizes eram estimulados a produzir seus próprios textos. Desse modo, pode-se afirmar que, nesse período, a alfabetização se reduzia a exercícios de leitura, escrita e reprodução, desprovidos de reflexão crítica.

Tais considerações conduzem à necessidade de repensar as práticas pedagógicas contemporâneas, de modo a articular alfabetização e letramento de forma integrada, uma vez que ambos se complementam no processo de apropriação do sistema de escrita e na construção de sentidos, favorecendo uma aprendizagem significativa e socialmente contextualizada.

Alfabetização e Letramento: fundamentos teóricos e articulações no processo de ensino e aprendizagem

A alfabetização e o letramento constituem processos distintos, porém intrinsecamente articulados, que se complementam no desenvolvimento das competências de leitura e escrita.

Enquanto a alfabetização diz respeito à apropriação do sistema de escrita, envolvendo o domínio das relações entre grafemas e fonemas, o letramento amplia essa dimensão ao incorporar os usos sociais da linguagem escrita, conferindo sentido às práticas de leitura e escrita no cotidiano. Nesse sentido, ao se adquirir o conhecimento da representação gráfica e sonora das letras, torna-se possível decodificar o que está escrito; por sua vez, o letramento possibilita a compreensão e a inserção do sujeito no universo letrado que o circunda.

Dessa forma, propõe-se uma reflexão acerca da valorização tanto da alfabetização quanto do letramento, considerados em suas especificidades e, sobretudo, em sua articulação indissociável. Ressalta-se que a alfabetização abrange múltiplas concepções teóricas, sendo objeto de estudo de diversos autores que buscam defini-la sob diferentes perspectivas. Assim, a compreensão mais consistente desse conceito demanda o aprofundamento por meio da leitura e da investigação sistemática sobre a temática.

Morais e Albuquerque (2007) definem alfabetização como

Alfabetização – processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 15).

Diante das concepções apresentadas pelos autores anteriormente mencionados, compreende-se a alfabetização como um processo de ensino e aprendizagem que se desenvolve ao longo do tempo, não se restringindo ao espaço escolar, mas estendendo-se às diversas práticas sociais vivenciadas pelo indivíduo. Nesse sentido, a alfabetização ultrapassa a mera decodificação, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de interpretar a realidade de maneira autônoma e de exercer, com competência, as práticas de leitura e escrita, inserindo-se, assim, em um estado de letramento.

Para que esse processo se efetive de maneira plena, alcançando os objetivos educacionais propostos, faz-se necessário o planejamento de metodologias que despertem o interesse dos alunos, incentivando sua participação ativa no processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, destaca-se a importância de práticas pedagógicas que valorizem a ludicidade, a criatividade e o caráter significativo do ensino, possibilitando que a aprendizagem ocorra de forma prazerosa e contextualizada.

Desse modo, o papel do professor revela-se fundamental, na medida em que sua atuação pedagógica deve estar orientada para a criação de estratégias que estimulem o

desenvolvimento integral dos educandos, favorecendo a construção do conhecimento. Nesse contexto, Correa e Salch (2007) definem que método pode ser entendido como

A palavra método tem sua origem no grego métodos e diz respeito a caminho para chegar a um objetivo. Num sentido mais geral, refere-se a modo de agir, maneira de proceder, meio; em sentido mais específico, refere-se a planejamento de uma série de operações que se devem efetivar, prevendo inclusive erros estáveis, para se chegar a determinado fim. (CORREA; SALCH, 2007, p.10).

Os métodos assumem papel de destaque no campo da alfabetização, na medida em que orientam percursos pedagógicos voltados à promoção de uma aprendizagem de qualidade, significativa e, sobretudo, permeada por dimensões lúdicas. Contudo, não devem ser concebidos como modelos rígidos ou fórmulas prontas, aplicáveis de maneira uniforme e acrítica. Ao contrário, a adoção de práticas metodológicas pautadas na repetição mecânica e na padronização tende a desconsiderar a diversidade presente no contexto educacional, especialmente no que se refere aos diferentes ritmos, estilos e necessidades de aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, é fundamental reconhecer que estratégias eficazes para um determinado estudante podem não produzir os mesmos resultados em outro, assim como metodologias bem-sucedidas em uma turma podem não apresentar a mesma eficácia em contextos distintos. Cada sujeito, bem como cada grupo, possui especificidades que demandam atenção e sensibilidade por parte do docente.

Dessa forma, torna-se imprescindível que os métodos adotados sejam flexíveis, diversificados e passíveis de adaptação à realidade de cada turma e de cada educando, de modo a favorecer o engajamento, a motivação e o desenvolvimento das aprendizagens. Cabe ao professor, portanto, identificar as particularidades dos alunos e selecionar estratégias que potencializem seus processos de construção do conhecimento.

Ademais, ressalta-se que tais métodos não devem ser organizados de forma hierarquizada, uma vez que diferentes abordagens podem contribuir, de maneira complementar, para o processo de alfabetização. A inexistência de uma “receita única” para o ensino da leitura e da escrita é corroborada por Carvalho (2008), ao afirmar que

Quem se propõe a alfabetizar baseado ou não no construtivismo, deve ter um conhecimento básico sobre os princípios teórico-metodológico da alfabetização, para não ter que inventar a roda. Já não se espera que um método milagroso seja plenamente eficaz para todos. Tal receita não existe. (CARVALHO, 2008, p. 17).

Dessa forma, é imprescindível que os professores estejam devidamente preparados para conduzir o processo de alfabetização, sendo capazes de promover uma formação contínua e significativa aos alunos. Tal atuação requer a adoção de metodologias diversificadas, que contemplem a heterogeneidade presente no ambiente escolar, de modo a atender não apenas aqueles estudantes que demonstram maior predisposição para a aprendizagem, mas a totalidade dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Nesse contexto, torna-se fundamental que o docente esteja atento às manifestações das crianças, às suas formas de perceber o mundo, bem como aos seus interesses e curiosidades. A partir dessa escuta sensível, é possível construir práticas pedagógicas mais significativas, que favoreçam a apropriação da leitura e da escrita como instrumentos de ampliação do conhecimento e de transformação da realidade.

Compreende-se que o indivíduo alfabetizado é aquele que domina as habilidades de leitura e escrita, enquanto o sujeito letrado é aquele que se insere efetivamente nas práticas sociais que envolvem o uso dessas competências, vivenciando-as em seu cotidiano. Nessa perspectiva, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Desde o nascimento as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem.... Progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressões e de compreensão, apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação. (BRASIL, 2021, p. 39).

A leitura e a escrita configuram-se como sistemas que se constituem de forma gradual, acompanhando o desenvolvimento das capacidades cognitivas e linguísticas dos educandos. Nesse processo, as produções iniciais elaboradas pelos alunos devem ser reconhecidas como manifestações de grande relevância, uma vez que expressam tentativas legítimas de representação da linguagem escrita. Tais registros, ainda que incipientes, revelam esforços significativos de construção de sentido, por meio de sinais gráficos que simbolizam a linguagem própria de uma determinada cultura.

No que se refere ao letramento, destaca-se que este não se confunde com o processo de alfabetização, embora ambos se apresentem de forma articulada e complementar. É recorrente a existência de equívocos conceituais quanto a essas noções, sendo importante ressaltar que, apesar de indissociáveis no contexto educacional, alfabetização e letramento possuem especificidades e características próprias que os distinguem enquanto processos formativos.

De acordo com Morais e Albuquerque (2007):

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas inseparáveis do contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado. (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p.47).

Dessa forma, embora alfabetização e letramento sejam processos inter-relacionados, não se desenvolvem, necessariamente, de maneira simultânea. Para que o indivíduo alcance o estado de letramento, faz-se necessário, inicialmente, o domínio do sistema de escrita, adquirido no processo de alfabetização, especialmente nas etapas iniciais da educação básica. A partir desse domínio, o sujeito torna-se capaz de interagir com diferentes gêneros textuais como revistas, jornais, entre outros, ampliando sua relação com a leitura para além de um exercício mecânico, passando a compreendê-la como prática significativa, reflexiva e voltada à construção de sentidos. Nesse contexto, a leitura deixa de atender apenas às exigências sociais e passa a constituir-se também como instrumento de reflexão sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo.

O termo letramento, por sua vez, origina-se de uma adaptação da palavra inglesa *literacy*, que se refere ao estado ou condição de utilização social da leitura e da escrita (SOARES, 2011). Tal conceito diferencia-se da alfabetização justamente por ultrapassar o domínio técnico do código escrito, envolvendo a capacidade de utilizar a linguagem em contextos sociais diversos. Enquanto a alfabetização corresponde ao processo formal de aquisição das habilidades de ler e escrever, o letramento refere-se ao uso efetivo e significativo dessas habilidades nas práticas sociais.

Nesse sentido, compreende-se que os elementos presentes no cotidiano, para além da linguagem escrita, também produzem significados e contribuem para a interpretação da realidade. O letramento, portanto, implica transformações não apenas no indivíduo, mas também no meio social em que está inserido, influenciando formas de pensar, agir e interagir com o mundo. Ademais, é possível considerar que um indivíduo pode apresentar níveis de letramento em determinados contextos, mesmo sem o domínio pleno da leitura e da escrita, como no caso de sujeitos que, embora não alfabetizados, conseguem interpretar e utilizar informações específicas em situações cotidianas.

Por fim, conforme destacam Moraes e Albuquerque (2007, p. 7), o letramento pode ser compreendido como o “conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito”. Dessa maneira, ultrapassa a dimensão do simples ato de ler e escrever, alcançando um nível mais amplo de compreensão, no qual a leitura se articula ao contexto

sociocultural em que está inserida, possibilitando uma interpretação crítica e significativa da realidade.

Para Kleiman (2007)

A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Na escola onde se predomina uma concepção de leitura e da escrita como competências, concebe-se a atividade de ler e de escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas até se chegar a uma competência a leitora e escritora ideal: a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. (KLEIMAN, 2007, p. 02).

Observa-se que a autora enfatiza o letramento como prática social situada, destacando o uso da leitura e da escrita em contextos reais de interação, em contraposição a uma concepção restrita à mera aquisição de habilidades e competências técnicas. Nessa perspectiva, o letramento ultrapassa o domínio do código escrito, incorporando dimensões culturais, sociais e discursivas que conferem sentido às práticas de linguagem.

Por sua vez, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa ressaltam a importância de “valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos” (BRASIL, 2020, p. 33). Nesse contexto, a prática de leitura em voz alta realizada pelo professor, embora ainda pouco frequente, revela-se de grande relevância pedagógica, pois contribui para o desenvolvimento da escuta, da compreensão leitora e do interesse dos alunos pelo universo da leitura.

Assim, alfabetizar e letrar constituem processos indissociáveis, uma vez que envolvem não apenas a aprendizagem do sistema de escrita alfabética, mas também a capacidade de atribuir sentido ao mundo letrado. O sistema alfabético, baseado na correspondência entre grafemas e fonemas, possibilita o avanço progressivo do alfabetismo. Contudo, é o letramento que amplia essa dimensão, assegurando uma compreensão mais abrangente da leitura e da escrita, ao promover o acesso ao conhecimento, à cultura e à formação crítica dos sujeitos.

Práticas pedagógicas, mediação docente e metodologias no processo de alfabetização e letramento

A compreensão contemporânea dos processos de alfabetização e letramento impõe a necessidade de uma análise aprofundada das práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito

escolar, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tal perspectiva ultrapassa a visão tradicional centrada exclusivamente na aquisição do código escrito, passando a reconhecer a complexidade envolvida na formação de sujeitos capazes de utilizar a leitura e a escrita em contextos sociais diversos. Nesse sentido, a escola configura-se como espaço privilegiado de construção do conhecimento, cabendo-lhe promover condições efetivas para que os estudantes desenvolvam competências que integrem o domínio técnico da linguagem às suas funções sociais e culturais.

A mediação docente assume, nesse contexto, papel central, uma vez que o professor atua como articulador entre o conhecimento sistematizado e as experiências vivenciadas pelos educandos. Essa mediação exige intencionalidade pedagógica, planejamento e sensibilidade para reconhecer as singularidades dos sujeitos em processo de aprendizagem. Ao considerar os conhecimentos prévios dos alunos, bem como suas vivências socioculturais, o docente favorece a construção de aprendizagens significativas, nas quais o aluno deixa de ser mero receptor de informações para assumir posição ativa na produção do conhecimento.

A heterogeneidade presente nas salas de aula constitui um dos principais desafios enfrentados no processo de alfabetização. Cada estudante apresenta ritmos, interesses, experiências e formas de aprendizagem distintas, o que demanda do professor a adoção de metodologias flexíveis e diversificadas. Nesse sentido, a superação de práticas pedagógicas homogêneas e padronizadas torna-se imprescindível, uma vez que tais abordagens tendem a desconsiderar as especificidades dos sujeitos e a limitar o potencial de aprendizagem. Assim, o ensino deve ser organizado de modo a contemplar a pluralidade de perfis presentes no contexto escolar, garantindo equidade no acesso ao conhecimento.

Como afirma Magda Soares (2011, p. 47):

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita; é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.

As metodologias ativas emergem como importantes estratégias no processo de alfabetização e letramento, na medida em que promovem o protagonismo dos estudantes e incentivam sua participação no processo educativo. Entre essas abordagens, destaca-se a pedagogia de projetos, que possibilita a integração entre diferentes áreas do conhecimento, favorecendo a contextualização dos conteúdos e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais. Ao trabalhar com projetos, o professor cria situações reais de uso da

linguagem, nas quais a leitura e a escrita assumem funções concretas, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e participativos.

A ludicidade também se apresenta como elemento fundamental nesse processo. O uso de jogos, brincadeiras, histórias e atividades criativas contribui para tornar a aprendizagem mais significativa e prazerosa, especialmente nas fases iniciais da escolarização. Ao incorporar práticas lúdicas ao ensino, o professor favorece o engajamento dos alunos, estimulando sua curiosidade e interesse pelo conhecimento. Além disso, a ludicidade permite a exploração de diferentes linguagens e formas de expressão, ampliando as possibilidades de aprendizagem.

A leitura, enquanto prática social, desempenha papel essencial na formação do sujeito letrado. A inserção dos alunos em ambientes ricos em materiais escritos, como livros, revistas, jornais e textos digitais, possibilita o contato com diferentes gêneros textuais e amplia seu repertório linguístico e cultural. A leitura em voz alta realizada pelo professor constitui estratégia pedagógica relevante, pois não apenas modela práticas leitoras, mas também desperta o interesse dos alunos pela leitura, contribuindo para o desenvolvimento da compreensão e da interpretação textual.

No que se refere à escrita, é fundamental que esta seja trabalhada como prática social significativa, e não apenas como exercício mecânico de reprodução. A produção textual deve ser incentivada desde as fases iniciais da alfabetização, respeitando o nível de desenvolvimento dos alunos e valorizando suas tentativas de escrita. O erro, nesse contexto, deve ser compreendido como parte do processo de aprendizagem, sendo utilizado como elemento diagnóstico que orienta a intervenção pedagógica. Dessa forma, o ensino da escrita passa a assumir caráter formativo, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e da capacidade crítica dos estudantes.

A avaliação, por sua vez, deve ser concebida como processo contínuo e formativo, voltado para o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos. Mais do que verificar resultados, a avaliação deve possibilitar a compreensão das dificuldades e potencialidades dos estudantes, fornecendo subsídios para a reorientação das práticas pedagógicas. Nesse sentido, a utilização de instrumentos diversificados, como observações, registros, portfólios e atividades diagnósticas, contribui para uma análise mais abrangente do processo de aprendizagem.

Outro aspecto relevante refere-se à incorporação das tecnologias digitais no processo de alfabetização e letramento. Em uma sociedade marcada pela crescente presença das tecnologias, torna-se imprescindível que a escola integre esses recursos às práticas pedagógicas, ampliando as possibilidades de acesso à informação e de produção de conhecimento. O

letramento digital, nesse contexto, assume papel fundamental, permitindo que os alunos desenvolvam competências necessárias para atuar em diferentes ambientes comunicativos.

Conforme afirma José Manuel Moran (2015, p. 19):

As metodologias ativas dão ênfase ao papel protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo. O aluno aprende melhor quando participa ativamente da construção do conhecimento, experimentando, pesquisando, desenvolvendo projetos, criando soluções e avaliando resultados. Nesse contexto, o professor atua como orientador e mediador, propondo desafios e acompanhando o desenvolvimento dos estudantes, respeitando seus ritmos e incentivando sua autonomia.

A dimensão afetiva também exerce influência significativa no processo de aprendizagem. O estabelecimento de vínculos positivos entre professor e aluno contribui para a criação de um ambiente favorável ao desenvolvimento cognitivo e emocional. A valorização das conquistas dos estudantes, o respeito às diferenças e o incentivo à participação ativa são fatores que favorecem o engajamento e a motivação para aprender. Assim, o professor deve atuar de forma acolhedora e empática, reconhecendo o aluno como sujeito de direitos e protagonista de sua aprendizagem.

Além disso, a participação da família no processo educativo constitui elemento fundamental para o sucesso da alfabetização e do letramento. A parceria entre escola e família possibilita a construção de um ambiente de aprendizagem mais consistente, no qual as práticas de leitura e escrita são valorizadas tanto no espaço escolar quanto no contexto doméstico. Essa articulação contribui para o fortalecimento do processo educativo e para a formação de hábitos leitores desde a infância.

Outro ponto a ser considerado diz respeito à formação continuada dos professores. A complexidade do processo de alfabetização e letramento exige que os docentes estejam em constante atualização, buscando novos conhecimentos e estratégias pedagógicas que possam aprimorar sua prática. A participação em cursos, oficinas, grupos de estudo e outras atividades formativas contribui para o desenvolvimento profissional e para a melhoria da qualidade do ensino.

A articulação entre teoria e prática também se apresenta como elemento essencial nesse processo. O conhecimento teórico fornece subsídios para a compreensão dos fenômenos educacionais, enquanto a prática pedagógica permite a aplicação e a ressignificação desses conhecimentos no contexto real da sala de aula. Dessa forma, a reflexão sobre a prática torna-

se fundamental para o aprimoramento do trabalho docente e para a construção de uma educação mais eficaz e significativa.

Por fim, destaca-se que a alfabetização e o letramento devem ser compreendidos como processos contínuos, que se estendem ao longo de toda a trajetória escolar e da vida dos indivíduos. A formação de sujeitos críticos, autônomos e participativos requer o desenvolvimento de competências que vão além do domínio do código escrito, envolvendo a capacidade de interpretar, analisar e transformar a realidade. Nesse sentido, a escola deve assumir o compromisso de promover uma educação que valorize a leitura e a escrita como instrumentos de emancipação social e construção da cidadania.

Dessa forma, ao integrar práticas pedagógicas inovadoras, mediação docente qualificada e metodologias diversificadas, torna-se possível construir um processo de alfabetização e letramento que atenda às demandas da sociedade contemporânea, contribuindo para a formação de indivíduos capazes de atuar de maneira crítica e consciente no mundo em que vivem.

Conforme afirma Paulo Freire (1996, p. 25)

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. É nesse movimento dialógico que se constrói uma prática educativa comprometida com a formação de sujeitos críticos, capazes de intervir na realidade, respeitando-se suas experiências, seus saberes e sua inserção no mundo. A prática educativa exige, portanto, afetividade, respeito à autonomia do educando, e uma postura ética por parte do educador, que deve reconhecer o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem.

CONCLUSÃO

À luz das discussões empreendidas ao longo deste estudo, evidencia-se que a alfabetização e o letramento constituem processos complexos, dinâmicos e indissociáveis, fundamentais para a formação integral dos sujeitos nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Longe de se limitarem à mera aquisição do código escrito, tais processos envolvem a inserção dos educandos em práticas sociais de leitura e escrita, possibilitando-lhes compreender, interpretar e intervir de maneira crítica na realidade em que estão inseridos. Trata-se, portanto, de um movimento formativo que ultrapassa a dimensão técnica da linguagem, alcançando aspectos cognitivos, sociais, culturais e políticos.

Verifica-se que a alfabetização, entendida como o domínio do sistema de escrita alfabética, e o letramento, concebido como o uso social desse sistema, devem ser trabalhados

de forma articulada, integrada e contextualizada, de modo a garantir uma aprendizagem significativa. Essa articulação pressupõe a superação de práticas pedagógicas fragmentadas e descontextualizadas, que historicamente marcaram o ensino da leitura e da escrita, em favor de abordagens que valorizem o sentido, a função social da linguagem e a participação ativa do estudante no processo de construção do conhecimento.

Nesse contexto, a escola assume papel central e intransferível, sendo responsável por promover experiências pedagógicas que integrem o conhecimento técnico à sua dimensão social, cultural e crítica. É no espaço escolar que os educandos têm a oportunidade de acessar diferentes gêneros textuais, ampliar seu repertório linguístico e desenvolver habilidades essenciais para sua inserção plena na sociedade letrada. Assim, torna-se imprescindível que a instituição escolar se organize de maneira a garantir condições materiais, pedagógicas e humanas que favoreçam o desenvolvimento dessas competências.

A atuação docente revela-se, nesse cenário, elemento estruturante do processo educativo, exigindo do professor uma postura reflexiva, investigativa e comprometida com as especificidades dos alunos e com as demandas contemporâneas da educação. A mediação pedagógica, quando pautada na intencionalidade, no diálogo e na escuta sensível, contribui significativamente para a construção de aprendizagens sólidas e duradouras. A adoção de metodologias diversificadas, lúdicas e contextualizadas, aliada ao uso crítico de recursos didáticos e tecnológicos, potencializa o engajamento dos estudantes e favorece a apropriação dos conhecimentos.

Ademais, a valorização dos saberes prévios dos educandos, o respeito à diversidade sociocultural e linguística e a promoção de um ambiente escolar acolhedor e inclusivo configuram-se como condições indispensáveis para o sucesso do processo de alfabetização e letramento. Tais elementos contribuem para o fortalecimento da autoestima dos estudantes e para o reconhecimento de suas identidades, aspectos essenciais para a construção de uma aprendizagem significativa e emancipadora.

Destaca-se, ainda, a relevância da participação da família no acompanhamento da vida escolar dos alunos, bem como a importância da formação continuada dos professores, que deve ser compreendida como um processo permanente de aperfeiçoamento profissional e reflexão sobre a prática pedagógica. A articulação entre teoria e prática mostra-se fundamental para a consolidação de ações educativas mais coerentes, críticas e transformadoras, evitando a dissociação entre o que se discute no campo acadêmico e o que se efetiva no cotidiano escolar.

Outrossim, a incorporação das tecnologias digitais ao processo de ensino-aprendizagem apresenta-se como uma possibilidade relevante para ampliar as formas de acesso

à leitura e à escrita, diversificar práticas pedagógicas e aproximar a escola das demandas da sociedade contemporânea. Da mesma forma, a adoção de práticas avaliativas formativas, contínuas e diagnósticas permite ao professor acompanhar o desenvolvimento dos estudantes de maneira mais precisa, intervindo pedagogicamente sempre que necessário.

Diante do exposto, compreende-se que a alfabetização e o letramento devem ser concebidos como processos contínuos, que se estendem para além do espaço escolar e ao longo de toda a trajetória formativa dos sujeitos. Nessa perspectiva, a educação assume um papel estratégico na constituição de indivíduos críticos, autônomos e participativos, capazes de atuar de forma consciente e transformadora na sociedade. Assim, torna-se imprescindível que as práticas pedagógicas estejam orientadas por uma perspectiva emancipadora, comprometida não apenas com o acesso ao conhecimento, mas também com a promoção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Referências:

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf

Acesso em: 07 abr. 2021.

BRASIL. **PCN**. Língua Portuguesa. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf> Acesso em: 21 nov. 2020.

CANDAU, Vera Maria. **Oficinas aprendendo e ensinando Direitos Humanos**. Disponível em:

http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_edh_proposta_trabalho.pdf.

Acesso em: 01 nov. 2020.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: Um diálogo entre a teoria e a prática**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CORREA, Djane Antonucci, SALCH, Bailon de Oliveira e et. al. **Práticas de Letramento: Leitura, escrita e discurso**. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

FERNANDES, Maria. **Os segredos da alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. 24. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa Social**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HOLZMANN, M. E. F. **Jogar é preciso**: jogos espontâneo-criativos para famílias e grupos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/242/196>
Acesso em: 20 nov. 2020

LIRA, Bruno Carneiro. **Alfabetizar letrando**: uma experiência na Pastoral da Criança. São Paulo: Paulinas, 2006.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento**. Construir Notícias. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007.

MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Campinas: Papirus, 2015.

OLIVEIRA, M.M. **Diferença entre alfabetização e letramento**. Disponível em: <https://sites.google.com/site/alfabetizarebrincar/processo>. Acesso em: 21 set. 2020.

OLIVEIRA, Vera Barros de. (org) **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis Vozes, 1997.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. **Pedagogia de Projetos**. Disponível em: http://eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto18.pdf Acesso em: 06 out. 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VAL, Maria da Graça Costa. **O que é ser alfabetizado e letrado?** 2004. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Org.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2006.